Resenha

A ARTE CAVALHEIRESCA DO ARQUEIRO ZEN

HERRIGEL, E. (1995). *A arte cavaleiresca do arqueiro Zen* (J. C. Ismael, Trad.). São Paulo: Pensamento, 1995. [Original publicado em 1975]

Athena de Albuquerque Farias (1)

Nesta obra, o filósofo alemão Eugen Herrigel (1884-1955), procura transmitir um pouco da cultura e do pensamento zen budista aos ocidentais. Trata-se de um livro pouco robusto escrito numa linguagem simples, que traduz os pensamentos do zen para leitores comuns.

O autor, Herrigel passou seis anos no Japão, de 1924 a 1929, onde lecionou filosofia na Tohoku Imperial University. Seu interesse no pensamento e na cultura oriental incitou sua curiosidade pelo kyudo, uma arte milenar oriental com o uso do arco e flecha. Seu mestre foi Kenzô Awa (1880-1939). Sua esposa o acompanhou nesta jornada espiritual, estudando a arte dos arranjos florais.

Os ensinamentos sobre o arco e a flecha levaram Herrigel a transpor e relacionar esses conhecimentos ao pensamento zen, produzindo uma série de estudos que dariam origem ao livro.

Esta forma de relacionar um trabalho manual com o desenvolvimento espiritual parecem ter inspirado outros autores como Robert M. Pirsig, com o clássico “Zen e a Arte da Manutenção de Motocicletas”, nos dois casos, há uma associação entre o que fazemos a nível exterior e as nossas atitudes mentais interiores, isto é, a nossa maneira de pensar as coisas, extrapola o nível intelectual e materializa-se nas nossas atitudes. Nos dois casos, os autores nos orientam que a caminhada até a “montanha”, é muito mais importante do que a chegada ao topo.

O autor reflete que treinar arco e flecha, esgrima, pintura, arranjos florais ou artes marciais não representa a mesma coisa para um ocidental e para um praticante Zen. Essas atividades são encaradas como um meio para se atingir a sabedoria transcendental, um coração puro, trilhar o caminho do meio ensinado por Buda.

Ele nos revela que as dificuldades que encontrou, foram em sua maioria por racionalizar demais sobre coisas que deveriam somente ser sentidas e, por impacientemente buscar resultados visíveis e imediatistas. Algo comum a todo ocidental. Em um trecho, Herrigel coloca:

Antes que eu penetrasse no Zen, as montanhas e os rios nada mais eram senão montanhas e rios. Quando aderi ao Zen, as montanhas não eram mais montanhas, nem os rios eram rios. Mas, quando compreendi o Zen, as montanhas eram só montanhas e os rios, apenas rios.

O autor revela que seu mestre lhe ensinou que, não devemos nos envergonhar pelos tiros errados. Da mesma maneira, não devemos nos felicitar pelos que se realizam plenamente. Precisamos nos libertar desse flutuar entre o prazer e o desprazer. Nos sobrepor a isso com uma distraída imparcialidade, de maneira a poder

nos alegrar como se outra pessoa tivesse feito aqueles disparos. Isso também tem que ser praticado incansavelmente, pois tem uma grande importância na nossa vida. A prática nos leva a uma perfeição, não somente física, mas também emocional.

O autor escreve ainda que, ao atingir o equilíbrio, evitar a busca pelo prazer ou tristeza pela falha, preocupar-se mais com o ato do que com suas conseqüências, seguindo nossos instintos, conseguiremos a compreensão da natureza do zen. Que devemos comer quando temos vontade de comer e, igualmente dormir quando temos vontade de dormir.

O pensamento zen oriental, apresentado por Herrigel, parece ter muito pouco a ver com nossa forma pós-moderna e ocidental de viver. Mas é uma boa oportunidade de enxergar que existem muitas falhas na nossa forma de pensar, que inclusive vão de encontro com a natureza do homem. “A arte genuína não conhece nem fim nem intenção”. (Kenzo Awa)

Sobre a autora:

- (1) **Athena de Albuquerque Farias** é Acadêmica de Direito da Faculdade dos Guararapes. Jaboatão dos Guararapes-PE. **E-mail:** athena.farias@gmail.com

Como citar este artigo (Formato ISO):

FARIAS, A. A. Resenha. **Id on Line Revista de Psicologia**, Julho de 2011, vol.1, n.14, p. 14-15. ISSN 1981-1189.